

Elane Ribeiro Peixoto

Orientador:  
Prof. Dr. Júlio Roberto Katinsky

*U*

M PONTO DE VISTA ACERCA  
DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

088

pós-

RESUMO

O presente trabalho tem por propósito discutir as práticas sobre o ambiente construído histórico e seus paradoxos, tais como: a hipertrofia da idéia de patrimônio, o fenômeno do fachadismo e os efeitos de *gentrification*. As discussões serão apoiadas no estudo de caso: a reconversão da fábrica de chocolates Nestlé em sede social dessa empresa, situada em Noisiel (França, 1995).

ABSTRACT

This text discusses practices concerning historical buildings and their paradoxes such as the hypertrophy of the notion of landmarks, the phenomenon of gentrification, and the emphasis on façades. The discussions are supported by a case study: the Noisiel chocolate factory's transformation into the Nestlé's headquarters, in Noisiel (France, 1995).

## O CONCEITO DE PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

A prática de reutilização de edifícios, nos quais os usos originais são substituídos por outros, é antiga. Porém, a partir dos anos 80 do século 20, a reconversão de antigos edifícios para novos usos adquiriu forte impulso. Três ordens de questões esclarecem a complexidade que envolve essa prática arquitetônica. A primeira se relaciona à revisão da postura dos arquitetos em relação à história da disciplina. As críticas realizadas a partir dos anos 60 restituíram a importância da história da arquitetura, alargando o interesse por manifestações julgadas sem valor pela historiografia e posturas comprometidas com o movimento moderno. A segunda se afirma na hipertrofia do termo patrimônio, sofrida ao longo da segunda metade do século 20. Esse fenômeno rompeu com a coincidência havida entre as idéias de monumento e patrimônio. A essa hiperinflação do termo corresponderam as violentas rupturas provocadas pelas sempre mais velozes mudanças tecnológicas, que puseram fim a modos e práticas de vida. O inchaço do conceito de patrimônio foi atribuído, por Jeudy (1990), como uma forma de conjurar a violência, própria a essas rupturas, e legitimar uma cultura técnica. Por fim, a terceira questão é conseqüente dos processos de globalização, geradores da demanda de imagens identitárias de cidades aspirantes às posições reconhecidas no contexto de uma realidade planetária.

Reconverter, reabilitar e restaurar velhos edifícios ou conjuntos históricos tornam-se atitudes a cada dia mais freqüentes e institucionalizam-se como práticas que terminam, paradoxalmente, museificando as paisagens urbanas ou tornando-as semelhantes. Outro aspecto decorrente dessas práticas é o efeito de *gentrification*, expresso no destino dos velhos edifícios, em geral transformados em casa de cultura, memoriais ou centros de serviços. Assim, as práticas sobre o construído terminam por oferecer argumentos de ordem higienizadora, levados a cabo em operações de revitalização de centros e tecidos históricos. As populações, tradicionalmente, a ocuparem esses espaços são, dessa forma, alijadas e um novo enclave urbano emerge. O consenso sobre a cidade histórica põe em risco sua sobrevivência, e muitas terminam semelhantes aos parques temáticos, animadamente freqüentadas por turistas sôfregos por exotismos locais.

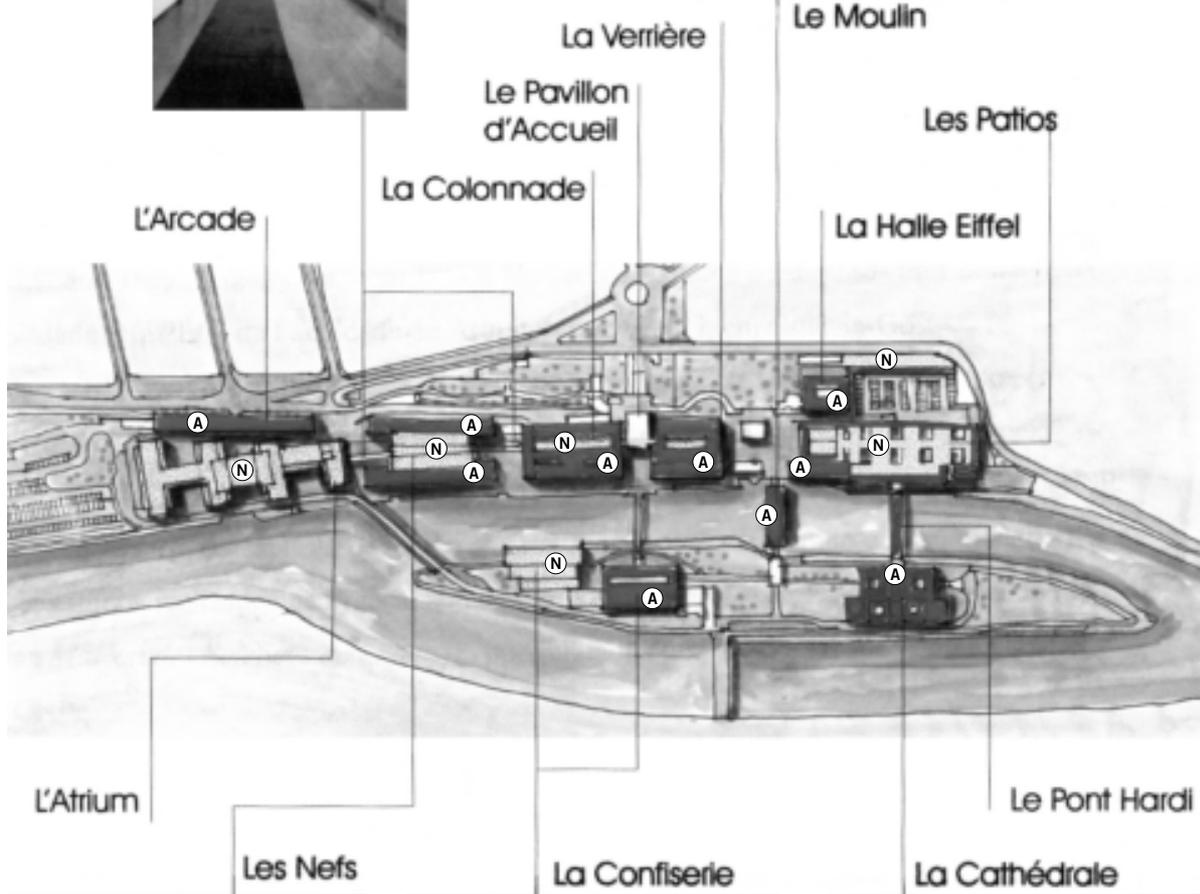
Nesse contexto emerge mais uma categoria patrimonial sujeita às reconversões: os edifícios industriais. O interesse por essa tipologia arquitetônica surgiu nos finais da década de 70, nos Estados Unidos e na Inglaterra, acelerando-se na década de 80, em função da nova geografia da produção que se desenhava. O sistema de produção flexível e disperso por várias localidades do planeta disponibilizou um grande número de edifícios industriais para serem reutilizados, muito particularmente em sociedades nas quais as atividades terciárias se tornaram preponderantes. Imprimiu-se uma outra velocidade às operações de reconversão de edifícios industriais. Um passo definitivo em direção à inversão da moderna máxima de Sullivan, *A forma segue a função*, foi dado, transformando-se na pós-moderna visão dos arquitetos da reconversão: A função segue a forma.

Para melhor compreender a complexidade implícita na questão dos novos usos para antigos edifícios industriais, propõe-se o estudo de um exemplo recolhido nas inúmeras experiências realizadas na França. Nesse país, a obsessão por tudo preservar estende-se muito além dos limites dos objetos arquitetônicos e seus entornos imediatos. Quase todo seu território está sob o controle das leis de proteção. Os ministérios do Equipamento e da Cultura, por meio de seus serviços de patrimônio, agem conjuntamente para garantir a preservação tanto de núcleos históricos quanto da paisagem. Dessa forma, redes de infra-estrutura, tais como as linhas de transmissão de energia, são estudadas e realizadas com a preocupação de não interferir na integridade e qualidade do território francês. Talvez, já se possa referir a uma paisagem patrimoniada e museificada. Corroboram para afirmar essa posição as mais diversas políticas de preservação e salvaguarda, saberes e competências especialmente desenvolvidos, um sistema administrativo descentralizado, uma parafernália de leis e interdições as quais permitem referência ao termo “maquinaria patrimonial”, cunhado por Jeudy (2001) para se referir à dimensão autômata a qual investiu o tema. Entretanto, a França tardou a preocupar-se com seu patrimônio industrial, muitas vezes chamado de novo patrimônio. Com o avançar da década de 80, os antigos edifícios industriais adquiriram um novo *status*, ensejando uma célula especial no Serviço do Patrimônio, no interior do Inventário Geral dos Monumentos Históricos e das Riquezas Artísticas da França, destinada a recensá-los. Manufaturas, tecelagem, usinas, moinhos, armazéns portuários abandonados e localizados em todo o território francês engrossaram o banco de dados *Merimée*, disponibilizando as informações relativas às suas respectivas histórias e estado de conservação. Na mesma velocidade em que foram reconhecidos como objetos de interesse também foram transformados em museus, depósito de arquivos, espaços de exposição, monumento aberto à visitação, entre outras possibilidades. Considerando esse quadro, propõe-se a análise da realização anunciada, ou seja: a reconversão da Chocolataria Menier.

## A SEDE SOCIAL DA NESTLÉ-FRANÇA

### A história do lugar

O complexo industrial, situado em Noisiel, uma pequena cidade próxima a Paris, foi criado em 1825 por Antoine Brutus Menier e destinava-se à produção farmacêutica. Os medicamentos produzidos na forma de cápsulas eram revestidos por camadas de chocolate, na tentativa explícita de *dourar a pílula*. Nas décadas de 1860-1870, os produtos farmacêuticos deram lugar à produção em massa de chocolate, um negócio o qual se revelou muito mais lucrativo que a fabricação de medicamentos. Ao longo do século 19 e início do 20, as construções na Chocolataria Menier não cessaram, acompanhando as novas necessidades e testemunhando diversas técnicas construtivas. A implantação desses edifícios,



A sede social da Nestlé-França  
Ilustração – Luis Aurélio Fontana;  
fotos – Elane Ribeiro Peixoto

**N** – Edifícios Novos  
**A** – Edifícios Antigos

cujas tipologias são variáveis, realizou-se ao longo do rio Marne e sobre uma pequena ilha. O conjunto edificado se organizou a partir de uma ala central, cujas laterais, direita e esquerda, foram ocupadas pelos edifícios, originalmente destinados à recepção de matéria-prima, cacau e açúcar, ao preparo dos tabletes e à embalagem. Sobre o Marne, aproveitando a energia hidráulica, foi instalado o moinho cujo valor é singular. Os 40 anos de construção da fábrica estão registrados em seus vários edifícios, compreendendo técnicas como as construções em estrutura metálica e concreto armado.

O complexo produtivo era auto-suficiente, contando com os campos de cacau cultivados, na Nicarágua, e de beterraba para a produção do açúcar, no Norte da França. Não só a matéria-prima e as embalagens eram produzidas; o transporte dos chocolates era assegurado por uma frota particular encarregada da distribuição dos produtos. Alinhado às idéias de Saint Simon, Menier ergueu, ao lado de sua fábrica, uma vila operária composta de casas individuais para casais, pensões para os solteiros, creche, escola e casa para os aposentados.

A unidade produtiva era organizada nos edifícios abaixo descritos:

1. *Moulin* (1865-1872) – Classificado como monumento histórico em 1992, caracterizava-se por sua estrutura metálica disposta no plano das fachadas, vedadas por uma gama de tijolos cerâmicos de coloração variada. A diversidade dos tijolos foi aproveitada em desenhos elaborados com base nas estilizações da flor do cacau. O moinho era destinado aos ateliês de debulhagem de cacau e à mistura deste com o açúcar.

2. *Les Patios* (1864-1867) – Ateliês de preparação dos tabletes de chocolate. Neles, a massa de açúcar e chocolate era cortada em pedaços de diferentes pesos, colocada em fôrmas, e, depois, embaladas e expedidas.

3. *La Verrière* – Abrigava o ateliê de torrefação, os depósitos de cacau, os espaços para a triagem das favas, secagem e pulverização e o depósito de açúcar.

4. *La Halle Eiffel* (1884) – Inscrito no Inventário Suplementar, em 1986, destinava-se à desfôrma do chocolate e à sua estocagem, realizadas em ambiente de refrigeração artificial mantido à temperatura de 4° a 12°C.

5. *Les Nefs* (1885-1886) – Edifício concebido em duas alas e reservado à fabricação de embalagens. Do lado do parque eram confeccionadas as embalagens de madeira; do lado do Marne, localizavam-se os ateliês de metais, sendo ambos acessíveis por vagões de trem.

6. *L'Arcade* (1889-1890) – Abrigava a cavalaria e os depósitos gerais.

7. *La confiserie* (1919-1923) – Compunha-se de um ateliê de confecção de bombons por unidade.

8. *La Colonnade* (1881-1887) – Compreendia as lojas de açúcar e cacau.

9. *La Cathédrale* (1906-1980) – Foi o primeiro edifício construído em concreto armado, estando ligado ao outro lado do rio por uma ponte coberta, *Le Pont Hardi*. Destinava-se à mistura do açúcar e do cacau. A ponte e a *cathédrale* são inscritas no Inventário Suplementar dos Monumentos Históricos.

## A RECONVERSÃO

Em 1959, a Chocolataria Menier foi vendida para a Cacau Barry, depois, em 1973, para Rowntree Mackintosh e, em 1988, para a Nestlé. Seu processo de reconversão foi permeado por negociações entre sua nova proprietária, a comunidade local e sua associação, Noisiel Ville Historique, e os serviços de patrimônio. A intenção original da Nestlé era ocupar o terreno com uma grande operação imobiliária, porém as reivindicações dos representantes locais para a preservação do sítio foram atendidas. Os arquitetos responsáveis pelo projeto, Reichen e Robert, propuseram como solução a reconversão do complexo na sede social da multinacional.

O trabalho foi realizado entre os anos de 1992 e 1995. O programa da sede social Nestlé compreendia: escritórios, restaurantes, auditório, salas de conferências e estacionamento para 1.000 carros, com 700 vagas cobertas.

Em uma visão macro, o partido geral está estruturado por um sistema de circulação a fechar um circuito. Esse sistema é composto pela recepção, pelas ruas galerias e pelo conjunto das pontes. Assim, no desenvolvimento do circuito, estão dispostos os antigos e novos edifícios, na maioria destinados aos escritórios. Sobre a ilha estão organizadas as estruturas de apoio às atividades sociais e lúdicas, sendo o moinho o elemento excêntrico ao sistema de circulação, estando, porém, a ele conectado. Observa-se que os arquitetos, para responder às novas exigências, recorrem a intervenções múltiplas, no conjunto, as quais podem ser identificadas como:

1. Construção de pavimentos sobrepostos (sobreelevação);
2. adição de novas partes entre os edifícios antigos;
3. reconversões radicais, com a manutenção apenas das fachadas;
4. construções novas em sua integralidade;
5. restauros necessários.

O exemplo do primeiro tipo de intervenção encontra-se na antiga confeitaria que, situada na ilha, foi acrescida de um pavimento para comportar os diversos ambientes de restauração: no térreo, um grande restaurante coletivo; no primeiro andar, um restaurante para grupos menores; e, no último andar, um outro exclusivo para a diretoria. A adição de novas partes pode ser sintetizada pela introdução de uma nova edificação no interior dos edifícios denominados *les nefs*, como atitude mais visível. As reconversões radicais se encontram na solução para os edifícios denominados Pátios. O interior destes foi totalmente demolido, e os novos escritórios foram construídos em torno de sete pátios, cujos jardins são temáticos, estando relacionados ao paladar. As construções novas respondem à necessidade de recepção, escritórios complementares ao programa, à nova ponte, ao estacionamento e à cafeteria. O caso do restauro está particularmente vinculado ao moinho o qual, classificado como monumento histórico, teve sua recuperação levada a efeito por um arquiteto chefe dos monumentos históricos. A operação se manteve, sobretudo, em trabalhos de recuperação da fachada, cuidadosamente empreendida, em virtude da policromia e variedade dos tijolos

cerâmicos. A estrutura metálica foi restaurada e pintada e, os elementos em terra cozida, restaurados ou substituídos. O edifício acolhe a presidência e a diretoria da sede social da Nestlé. Para tal, em seu interior, uma prumada de circulação vertical foi construída.

Até aqui, a descrição do exemplo de Noisiel ateu-se mais aos aspectos funcionais e às intervenções as quais possibilitaram a solução do programa. Elas exemplificam as várias possibilidades que um projeto de reconversão pode propor. Ao mesmo tempo possibilitam uma aproximação do procedimento metodológico a fundir essa experiência. O ponto de partida é, como em todo projeto de arquitetura, o programa de necessidades, o qual, elaborado, deve ser submetido à verificação da compatibilidade entre as funções novas e a forma existente. Portanto, a análise da forma é imprescindível à relação adequada às novas funções. É, supostamente, a análise da forma que sugere as vias possíveis para o novo programa. O texto abaixo é conclusivo, quanto a esse aspecto:

*“Todo o trabalho sobre os edifícios existentes gira em torno dessa dialética forma/função: uma reconversão só pode ser um sucesso, se há uma boa adequação entre a nova função e a forma existente. É, portanto, a natureza do construído que convém analisar, antes que uma nova utilização seja sugerida, pois, ‘do encontro entre um envelope antigo e de novas necessidades e meios, nascerá um objeto singular que não é simples justaposição, mas síntese, ao mesmo tempo construtiva e arquitetônica’ como declara Claude Soucy.” (ROBERT, 1989, p. 9)<sup>1</sup>*

(1) Tradução da autora.

Quanto à relação entre as linguagens arquitetônicas do antigo e do novo, observam-se duas posições predominantes e antagônicas em experiências de reconversão. A primeira se caracteriza por uma atitude de contraste entre o existente e o proposto. Muitas vezes, o contraste se expressa pelo uso de cores fortes e distintas daquelas que são partes do edifício existente, pelo uso de materiais, pelo desenho, entre outros. Nos exemplos da dupla de arquitetos franceses, aqui lembrados, o caso da sede social Nestlé ilustra a opção pelas linguagens contrastantes.

A oposição novo/antigo entre linguagens é uma opção compartilhada por muitos arquitetos os quais, ao longo dos anos de 1990, parece radicalizar-se. Assim, a analogia ao palimpsesto, sempre evocada pelos arquitetos da reconversão e hoje banalizada, ganha a concretude dos fatos realizados.

A segunda atitude em relação às linguagens do antigo e do novo define-se pela busca de afinidade entre elas, especialmente no que diz respeito aos ornamentos e seu vocabulário, à continuidade visual, proposta pela escolha de cores ou materiais e, mesmo, nos recursos de desenho.

Vários são os exemplos a ilustrar a segunda atitude, entre eles, destaca-se, aqui, o que foi realizado pelos arquitetos autores da reconversão da sede social da Nestlé – França. Trata-se do Palácio de Congresso e da Cultura de Blois (França, 1987), nascido da reconversão do mercado de grãos da cidade. Enquanto mercado, o espaço interno em questão corresponde à tipologia dos mercados, sendo sua estrutura atipicamente composta por pilares em pedra. Seu

interior, acrescido de escadas e passarelas para os níveis superiores, foi mantido desobstruído para acolher exposições e manifestações culturais variadas. Para a instalação de um teatro, foi proposta uma extensão do edifício, a qual se desenvolve adossada a uma das fachadas e, como nos teatros gregos, serve de cena. O novo teatro, em semicírculo, procura estabelecer uma ancoragem com o velho mercado por meio de recursos de desenho e do emprego de material. Robert destaca que a extensão, destinada ao teatro, foi pensada segundo o eixo de simetria do edifício existente, cujas proporções foram prosseguidas, sendo os materiais empregados a pedra de *Loire* e o tijolo, devidos à idéia de continuidade com o existente.

Muitos são os exemplos os quais poderiam ser evocados para corroborar o que, até o momento, foi dito sobre a relação entre as linguagens arquitetônicas envolvidas nas operações de reconversão. Mas esse expediente só teria valor quantitativo. Porém cabe, ainda, uma reflexão sobre o quanto essa relação é devedora das teorias do restauro, cujas figuras e posições míticas se encontram em Ruskin e Viollet-le-Duc. O propósito não se expressa em uma retrospectiva histórica dessas teorias, mas não é absurdo observar que alguns de seus valores estão incorporados nas atitudes dos arquitetos da reconversão ante os velhos edifícios. O dilema posto pelo romântico Ruskin e pelo racionalista Viollet-le-Duc reverbera na atitude de ruptura e continuidade das intervenções sobre o existente. Afinidade e contraste parecem derivar da mesma oposição que distinguia os adeptos e opositores do restauro estilístico. O longo caminho percorrido por essas vias até a teoria do restauro crítico, uma espécie de consenso pensado pelos italianos e, constantemente, posta em xeque, ainda pode ser suposto na variedade de reconversões a marcarem o campo da arquitetura, nessa passagem de século.

Da mesma forma de as reconversões estabelecerem vínculos com a teoria do restauro, é imprescindível reconhecer a obra do italiano Carlo Scarpa como uma fonte inesgotável de referência aos arquitetos, cujas realizações se localizam nas décadas de 80 e 90. Inúmeras vezes seu nome é lembrado como o exemplo dado aos iconoclastas, um termo empregado para designar a posição de contraste de linguagens entre antigo/novo, advinda da não-sacralização do passado. Porém, mais do que as respostas formais oferecidas por Scarpa, sua abordagem do existente torna sua experiência um momento referencial da história da arquitetura reconvertida, no século 20. Como bem avalia Olsberg, a quem se reserva um espaço:

*“A idéia de tensão ilumina a relação de Scarpa com a história. Seu diálogo nunca é com o passado, mas com a presença do passado no presente, com todo o feito em seu entorno, com a continuidade e, muito freqüentemente, com as continuidades específicas de Veneza e do Veneto.”* (1999, p. 15)<sup>2</sup>

(2) Tradução da autora.

Ruptura e continuidade são atitudes que se expressam de maneiras variadas. Elas implicam, muitas vezes, os vocabulários de tendências, a individualidade das expressões dos arquitetos, a relação conceitual que estes mantêm com o objeto construído, seu contexto e história.

Enfim, se, por um recurso didático, pode-se identificar como atitudes predominantes a continuidade e a ruptura de linguagens, quando o interesse é a reutilização de antigos edifícios, é necessário esclarecer que essas não excluem outras possibilidades, sempre possíveis, nas férteis searas da arte.

O que fazer da carga simbólica de um velho edifício, quando este está na iminência de ser transformado? As cargas simbólicas contidas no novo devem ser equivalentes às antigas? É possível pensar essa equivalência? Essa é outra questão a envolver as reconversões arquitetônicas. Sobre elas jaz uma enormidade de discursos os quais, muitas vezes, resvalam pelo moralismo, pelo campo das ideologias as quais afirmam imagens e confirmam reputações.

No exemplo da sede social Nestlé, percebe-se como a multinacional representada por seus executivos decidiu a reutilizar a velha fábrica, apesar da resistência inicial, apropria-se da imagem daquela que foi a primeira fábrica de chocolates. A proposição dos arquitetos enfatiza essa apropriação, quando hierarquiza o espaço, destinando à direção da Nestlé – França o mais belo dos edifícios da Chocolataria Menier: o moinho. A carga simbólica contida na antiga chocolataria, desdobrada em uma história operária, é, de certa forma, apagada, no momento mesmo em que os 2.000 operários os quais, cotidianamente, nela trabalhavam, foram substituídos por 1.700 funcionários, vestidos de terno e gravata.

Inúmeros são os exemplos de reconversões arquitetônicas nas quais os valores simbólicos dos velhos edifícios sofreram alterações drásticas ou, até mesmo, desapareceram. Uma realização muito recente e que, no espaço deste texto, cabe lembrar, é a grande operação empreendida pelo IBA (Exposição de Arquitetura Internacional de Emscher Parque), no vale do rio Ruhr, na Alemanha. O programa IBA foi criado em 1988 para impulsionar o Norte da Alemanha, cuja produção de carvão entrou em declínio, em virtude das facilidades de transferência daquela para outros países. Previsto para durar dez anos, o IBA tinha uma composição diversificada: as comunidades atingidas pela crise do carvão, as associações de defesa do meio ambiente e grupos de arquitetos e urbanistas. As iniciativas de recuperação da região foram empreendidas fundamentadas pelo conceito amplo de paisagem e a ação coordenada que esse implica. Assim, operações de reconversão de usinas em salas de concertos, gasômetros em espaço de exposição e métodos de tratamento e despoluição de solo e rios foram levados paralelamente. À primeira vista, nada parece vincular os significados possíveis havidos nos complexos produtivos e os resultantes de sua transformação. Porém, certamente, nos interstícios dessa iniciativa, está expressa a construção de uma identidade regional, marcada por um passado industrial, com a finalidade última de ser um estímulo ao turismo.

Assim, as transformações dos *halles* de antigos mercados em centros culturais, de abatedouros em casa de espetáculos e salas de cinema, de entrepostos portuários em museus, entre outros, apontam para as diversas possibilidades de desnaturar os antigos edifícios, no que diz respeito aos seus conteúdos simbólicos.

## HISTÓRICA VERSUS GENÉRICA: HISTÓRICA IGUAL À GENÉRICA

As reconversões arquitetônicas se tornaram práticas comuns e, de certa forma, banalizadas. Contra essa afirmação, argumenta-se que sua existência é histórica e perde-se nas brumas do tempo, com a recorrência a exemplos clássicos, cujo propósito, no início dos anos 80, era legitimá-las. Os livros de arquitetura não se cansam de repeti-los. Entretanto, não se pode desconsiderar essa observação, surgida em decorrência das posições que se firmavam contrárias à visão da cidade moderna em sua relação com a história. De Venturi (1966) (1998) a Rossi (1966), de Jacobs (1961) à recuperação de Sitte, dos CIAMs dedicados aos *cuore de la città*, um caminho foi sendo traçado, e a imagem da cidade enquanto palimpsesto tornada comum e vulgarizada.

As reconversões iniciadas nos anos 80 e hoje em curso não encerram, em si, o mesmo sentido daquelas praticadas em tempos imemoriais. Um dos marcos dessa virada é, sem dúvida, o Museu D'Orsay (1978-1986). A estação de trem dos caminhos de ferro Orleans, com seu hotel, pela vontade do presidente Mitterrand, transformou-se, pelas mãos da arquiteta Gae Aulenti e da agência de arquitetos ACT, em museu celebrado e difundido mundo afora. O que torna o Museu d'Orsay um ponto de referência, não são somente as soluções arquitetônicas as quais lhe foram conferidas, a fim de transformar a *gare* construída para a exposição universal de 1900 em museu. Seu valor extrapola os contornos da disciplina. Em primeiro, a reconversão *d'Orsay* aponta para a vontade e determinação do poder político de deixar marcado, pelo conjunto dos *Grands Travaux*, sua passagem. Tantos foram já os textos a esclarecer essa questão, a associar a imagem do presidente francês a dos faraós egípcios. Porém, no contexto dos grandes trabalhos da era Mitterrand, no qual se encontra o museu referido, esboçava-se a história a desenrolar-se a seguir. Esta se vincula à construção das imagens das cidades globais para as quais as questões de identidade são vitais. É verdade que estas não se apóiam mais na esfera da exclusividade das ações, que ofereceu um exemplo pela criação dos eventos arquitetônicos, entre os quais o museu da *gare d'Orsay* se inclui. Toda uma dinâmica se institui na perseguição dessas imagens identitárias e, ao mesmo tempo, publicitárias, começadas com as obras de Paris dos anos de 1980 e prosseguidas nos acordos tácitos e estratégicos da Barcelona das Olimpíadas de 1992. Essa dinâmica se centra, entre outras particularidades, na espetaculosidade de grandes obras de arquitetura, assinadas por arquitetos renomados, cujas atividades profissionais não estão restritas a seus contextos de origem. Assim, o Museu d'Orsay pode ser tomado como um ponto inaugural dessa dinâmica que inclui, em suas diversas traduções, as operações de reconversão arquitetônica. Seu valor adquiriu um peso simbólico contribuindo para popularizar essa prática. Em um único gesto, representado pelo Museu d'Orsay, tem-se justaposta a força de uma atuação política, a recuperação da França como ponto de radiação da cultura do Ocidente, a atração turística, a fixação de uma Paris eterna, garantida pela perenidade de sua paisagem. O apelo publicitário daí emanado não necessita de

outras referências para ser confirmado. Nesse sentido, definitivamente, a época de ouro da reconversão arquitetônica deu seu passo definitivo.

A profusão de exemplos dessa prática arquitetônica, na qual se inclui a sede social da Nestlé, demonstra um número considerável de soluções possíveis de serem reduzidas a universos comuns, ou talvez se possa levantar a possibilidade de formular-se um vocabulário, com valor de estilemas, repetidos nas reconversões de antigos edifícios. A absorção das orientações que regem os restauros, particularmente a Carta de Veneza, e o conceito de restauro crítico, de certa forma, conferem às reconversões um valor de norma. O mais comum argumento lido e relido nos textos a tratarem de obras dessa natureza é sempre a revelação da vontade do arquiteto de marcar, no existente, a intervenção presente. A profusão de mezaninos e de escadas metálicas, de escavações de subsolos, de contrastes ou semelhanças entre materiais e formas, a *mise-en-scène* de momentos privilegiados, tais como os resquícios de uma pintura antiga, de um ornamento sobrevivente, dramaticamente iluminados, fazem parte da paleta com a qual, com maior ou menor habilidade, contando com recursos sofisticados ou improvisados com uma mão-de-obra sem formação, trabalham os arquitetos da reconversão.

Ao longo dessa trajetória em que palacetes foram transformados em casas de cultura, entrepostos portuários em museus e *lofts*, usinas em parques, fábricas em centros de lazer, edifícios de escritórios em habitações e vice-versa, gasômetros em piscinas, caixas d'água em habitação, observam-se os processos acelerados de patrimonialização do construído, em uma sucessão de interesses os quais se expressam em realizações cada dia mais recentes. À medida que esses processos se efetivam, outro lhes confere um significado peculiar. Nas reconversões arquitetônicas mais recentes, percebe-se, cada vez mais, a desenvoltura com que são realizadas. Se, ao longo deste texto, a questão de pertinência entre forma e conteúdo foi identificada como um dos pontos de partida para a reutilização de antigos edifícios, é importante notar que o verbo utilizado, quando se tratou do assunto, foi *parecer*, pois a cada dia observa-se a dissociação entre interior e exterior. Essa relação, anteriormente suposta biunívoca, é substituída por outra postura:

*“Se o edifício está em bom ou mau estado, se ele tem ou não uma significação particular são fatos sem nenhuma importância: o projeto visará, invariavelmente, a manter somente a fachada (às vezes mesmo a reconstruir por razões de gosto) e a edificar por trás um imóvel, respondendo aos standard da industrialização da construção, sem qualquer relação com o envelope.”* (VAN LOO, 1999, p. 42)<sup>3</sup>

(3) Tradução da autora.

O culto à fachada desenvolveu processos tecnológicos de demolição altamente sofisticados. Sistemas de escora, travamentos de vãos, guindastes e gruas são postos a serviço do que se poderia chamar evisceração dos edifícios. Emanando desse fenômeno o fato de o valor histórico dos edifícios ou de conjuntos históricos, ordinários ou excepcionais, perder terreno, se a ênfase pretendida conta com matices antropológicos. Os princípios da reconversão foram disseminados para a esfera da especulação, confirmada na fórmula: o Estado preserva, o mercado moderniza. Essa modernidade, é preciso lembrar, funda-se nos poderes de Fausto.

O valor dado à fachada atinge seu paroxismo e, em última instância, abre espaço para pensar a transformação da cidade histórica em cidade genérica. O conceito de cidade genérica, formulado pelo arquiteto Koolhaas (2001), parte da comparação entre dois tipos de cidades. A cidade genérica resulta das respostas dadas às exigências do presente. Confrontada à cidade histórica, cuja característica é sua forte ancoragem no tempo, a cidade genérica está submetida a um constante processo de construção e destruição, pois ela é reflexo das necessidades do momento e das capacidades do presente. As idéias do efêmero, do flexível e do consumo definem as relações particulares que a cidade genérica mantém com o tempo. Ela não visa à longa duração, o que a impede de conservar uma identidade sustentada pela permanência de suas construções.

No vértice oposto, encontra-se a cidade histórica, a qual constrói sua identidade como uma partilha de seu passado material, protegido por dispositivos legais. Sua relação com o tempo é construída sobre o princípio da invariância. Entretanto, esse princípio é, ao fim e ao cabo, como não poderia deixar de ser, uma ficção e, na visão do arquiteto holandês, a cidade histórica está condenada à falência, pois seu crescimento demográfico é um fator que a inviabiliza. Em outras palavras: não há história para todos. A cidade histórica, diante da impossibilidade de mudança, tende, na visão desse autor, a tornar-se uma imagem hiper-realista de si mesma. A identidade da cidade histórica tem um efeito centrípeto. À medida que se distânciam de seus núcleos originais, a força dessa identidade atenua-se. Há, portanto, uma condição que alude a um momento de ruptura, provocado pela atenuação do poder identitário dos centros históricos e da emanção de outro poder emitido pelas cidades genéricas a envolvê-los. Paris é, nesse sentido, um exemplo muito claro: o anel viário e periférico que encerra seu núcleo histórico expõe a condição e a existência da cidade genérica que o circunda. A paisagem dessa cidade genérica é caracterizada por uma arquitetura efêmera, com fachadas animadas pelos jogos de luzes dos anúncios publicitários ou de seus logotipos. Uma série de dispositivos técnicos, tais como as escadas rolantes e o ar-condicionado, permitem que esses objetos arquitetônicos se fechem sobre si mesmos, estando, ao mesmo tempo, conectados por uma rede de sistemas viários. A cidade genérica tende, portanto, à rarefação.

As duas categorias de cidade, definidas por Rem Koolhaas, não podem ser entendidas como categorias puras. É a relação entre ambas que oferece uma possibilidade para pensar a cidade contemporânea, na qual os edifícios e tecidos históricos reconvertidos cumprem um papel determinante. Empreendendo um esforço nessa direção, propõe-se retomar o exemplo de Paris como cidade híbrida, um misto entre a cidade histórica e a cidade genérica. Assim, quando o foco é a cidade histórica, nota-se que sua suposta invariância é, como já dito, uma ficção. Olhando-a mais de perto, distingue-se, em seu tecido construído, uma hierarquia estabelecida em função da relação que seus edifícios mantêm com o tempo. Há aqueles cuja carga simbólica é maior e definem-se como verdadeiros semióforos, para os quais o destino reservado são a perenidade e a invariabilidade. Para mantê-los inalterados ou, visivelmente, inalterados concorrem saberes, uma

multiplicidade de competências, um consenso político, todo um sistema de administração e fiscalização, como também deles deriva uma economia particular. São os grandes monumentos que se tornam, na paisagem urbana, os pontos estáveis da cidade contemporânea. Os tecidos históricos a circundá-los desempenham um papel complementar, no qual os edifícios possuem um grau de invariância muito relativa. São eles os objetos das reconversões, cada dia mais radicais. Nessa dinâmica, observa-se que as reconversões respondem a uma terceirização da cidade histórica e, embora uma legislação de uso do solo tenha sido proposta para garantir sua polifuncionalidade, a repetição de uma mesma tipologia compromete essa intenção. Buscando esclarecer esse aspecto, essa tipologia pode ser descrita pelo seguinte programa arquitetônico: a criação de dois ou três níveis de subsolo para os estacionamentos; o térreo, dedicado ao comércio em geral, os pavimentos superiores divididos entre habitação e escritórios.

A heterogeneidade pretendida por essas supostas variações de função é limitada, ocorrendo uma seleção social implícita nos serviços, no custo dessas moradias, na espécie de comércio de luxo aí instalada.

Observando o processo construtivo, agora empreendimentos de reconversão, nota-se que correspondem às práticas do fachadismo. Pode-se imaginar que um edifício possa ser objeto de sucessivas reconversões, no ritmo imposto pelo instante o qual fecunda a idéia de tempo dos dias atuais. Não é um despropósito pensar que a cidade genérica, alimentada pela condição de efemeridade, escava, no interior da cidade histórica, seu espaço. A cidade histórica se torna, assim, uma cidade genérica.

Da mesma maneira que a cidade histórica gesta, em suas entranhas, a cidade genérica, as cidades as quais foram mais genéricas que históricas despertam-se para o potencial de suas raras ilhas de passado. De forma geral, tem sido essa a trajetória das grandes cidades brasileiras, sempre submetidas aos imperativos de modernização autofágica. As políticas e ações de proteção foram sempre tímidas e os recursos escassos. Porém, a urgente necessidade de garantirem-se a identidade e a individualidade que possam ser veiculadas em um sistema mundial de imagens, em virtude de atrair a atenção na disputa de um lugar entre as cidades globais, os centros e restos históricos são canalizadores de atenção. Momentaneamente, a dinâmica autofágica parece estar, se não ameaçada – o que seria um otimismo –, ao menos refreada.

A possibilidade de ações concentradas nos centros e tecidos históricos, no caso das cidades brasileiras, ainda não realizadas em grande escala, prometem efeitos semelhantes aos das muitas Disneylândias históricas do Velho Continente. O caso do Pelourinho, em Salvador, denuncia esse efeito. Em um exercício de prospecção, e olhando para uma realidade mais próxima, os centros históricos despertados pelo condão das reconversões, animados pelos espetáculos dos novos teatros, pela sede das instituições públicas, parecem acenar para a mesma situação paradisíaca dos condomínios fechados e do ambiente dos shopping centers. Prefiguram-se como outro tipo de enclave urbano o qual, embora não esteja separado da cidade por uma barreira física, aliena-se dela por outras formas

de exclusão. No espaço de suas ruas, no interior de seus velhos-novos edifícios, é uma outra vida que se anuncia. Nessa, não há espaço para o horror da presença dos camelôs, para o comércio do corpo, de raízes a tratarem e curarem os males da alma, para a voz fanhosa a anunciar o desafio de encontrar-se uma bolinha escondida no interior de conchas, hábil e maliciosamente manipuladas. Mas todo esse esforço parece esbarrar em um verdadeiro paradoxo. Iluminados de forma semelhante, reconvertidos de forma semelhante, freqüentados por gentes semelhantes, edifícios, monumentos, tecidos históricos, não importa a que geografia pertençam, tornam-se, ao fim e ao cabo, semelhantes. Como, então, pensar essas identidades?

## BIBLIOGRAFIA

- CURY, Isabelle (Org.). *Cartas patrimoniais*. Rio de Janeiro: Iphan, 2000.
- FRANÇA. Atlas do colóquio internacional Façadisme et identité urbaine. In: *Atlas* (Dir. François Loyer e Christiane Schumuckle-Mollard). Paris: Éditions du patrimoine, 1999.
- JACOB, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. Tradução de Carlos S. Mendes Rocha. São Paulo: Martins, 2001.
- JEUDY, Henri Pierre (Org.). *Patrimoine en Folie*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1990.
- . *Memórias do social*. Tradução de Márcia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- . *La machinerie patrimoniale*. Paris: Sens e Tonka, 2001.
- OLSBURG, Nicholas. *Carlo Scarpa architect: Intervening with history*. Montréal – Canadian Centre for Architecture: The Mocelli Press, 1984.
- PELLISSIER, Alain. *Reichen et Robert*. Paris: Le Moniteur, 1993.
- POWELL, Kenneth. *L'architecture transformée*. Paris: Seuil, 1999.
- ROBERT, Philippe. *Reconversions*. Paris: Le Moniteur, 1991.
- ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins, 1995.
- VENTURI, Robert. *Complejidad y contradicción en la arquitectura*. Tradução de Antón Aguirregoitia Arechavaleta, Eduardo de Felipe Alonso. Barcelona: Gili, 1992.

## PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

Arquitetura industrial, patrimônio, reconversão arquitetônica, cidade contemporânea, arquitetura francesa, fachadismo.

*Industrial architecture, landmarks, gentrification, French architecture, contemporary city, façadism.*

---

### **Elane Ribeiro Peixoto**

Arquiteta, graduada pela Universidade Católica de Goiás (UCG), mestre e doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Atualmente, coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas do Edifício e da Cidade (NEPEC) da Faculdade de Arquitetura da UCG, em Goiânia-GO.